

Dívida pública sobe e chega a R\$ 717 bilhões

DANIELE CAMBA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A dívida pública brasileira continua crescendo e preocupando sobre a capacidade de pagamento do governo. Dados do Tesouro Nacional mostram que em outubro, a dívida pública mobiliária federal interna (dívida em títulos públicos) cresceu 1,4%, chegando a R\$ 717,9 bilhões contra R\$ 707,74 bilhões em setembro. Há um ano, esse montante era de R\$ 631,46 bilhões. Apesar dessa trajetória, o governo está conseguindo melhorar o perfil da dívida, reduzindo a parcela indexada ao dólar e a pós-fixada, indexada à taxa Selic, e ao mesmo tempo aumentando o estoque de papéis prefixados e os corrigidos por índices de preços como IGP-M e IPCA.

O crescimento da dívida preocupa porque torna o país cada vez mais dependente de recursos, vulnerável às oscila-

ções de indicadores como câmbio e inflação. "Existe sempre o medo da dívida tornar-se impagável", lembra o economista do banco Modal, Alexandre Póvoa.

A dívida pública total, segundo Póvoa, representa hoje cerca de 58% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, um percentual alto mesmo comparado com outros países emergentes, como o México, onde a relação da dívida sobre PIB é de 21% e Rússia de 36%. Essa relação aumentou no Brasil porque, além do lançamento de papéis de dívida, o PIB do país cresceu muito pouco nos últimos anos.

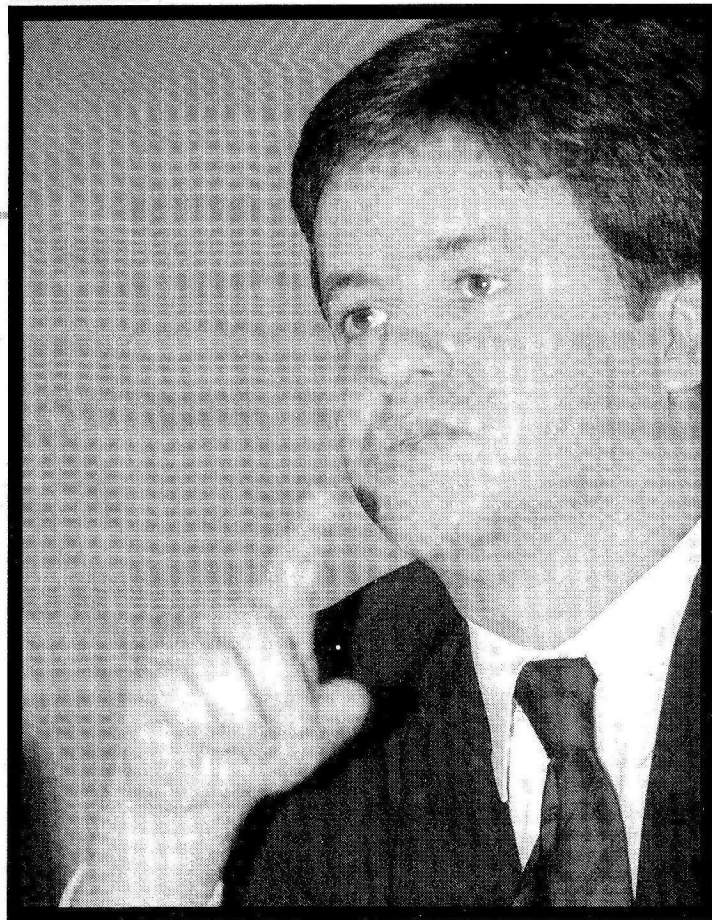
O crescimento de 1,4% em outubro é resultado da emissão líquida de títulos da ordem de R\$ 1,2 bilhão, além dos juros. Apesar desse aumento, a expectativa, segundo o coordenador da dívida pública do Tesouro, Paulo Valle, é de que a dívida pública inter-

na termine o ano abaixo dos R\$ 750 bilhões, meta definida pelo Plano Anual de Financiamento (PAF).

Redução

Outra notícia positiva é a redução da parcela da dívida atrelada ao câmbio de 26,48% do total

Carlos Vieira 22.10.03



PAULO VALLE, DO
TESOURO: DÍVIDA
FECHAR O ANO ABAIXO
DE R\$ 750 BILHÕES

(R\$ 187,4 bilhões) em setembro para 24,39% (R\$ 175,07 bilhões) no mês passado, o menor percentual desde março de 2001, quando estava em 24,07%. Essa queda ocorreu por um resgate líquido de R\$ 11,7 bilhões em títulos cambiais. Já a parcela dos títulos indexados à taxa de juros Selic caiu de 64,34% para 64,03%.

Na ponta contrária estão a parcela da dívida prefixada, que aumentou de 9,05% para 9,89% do total, e os papéis atrelados a índices de inflação que cresceram de 12,91% para 13,11%. Para o economista-chefe do banco Lloyds TSB, Odair Abate, quanto maior a parcela da dívida prefixada melhor, já que aumenta o poder de controle do governo e melhora a qualidade da política monetária.

Apesar dos progressos, os economistas acreditam que o governo deveria aproveitar a boa fase com o mercado para substituir mais agressivamente os títulos cambiais por prefixados.